

---

**EDUCAÇÃO FÍSICA**

---

**THOMÁS AUGUSTO PARENTE**

**DESENGAJAMENTO MORAL E *BULLYING***  
**EM AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA**  
**ESCOLA**



Rio Claro  
2016

THOMÁS AUGUSTO PARENTE

DESENGAJAMENTO MORAL E BULLYING EM AULAS DE  
EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA

Orientador: Profº Dr. Roberto Tadeu laochite

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Instituto de Biociências da Universidade  
Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” -  
Câmpus de Rio Claro, para obtenção do grau de  
Licenciado em Educação Física

Rio Claro  
2016

796.01 Parente, Thomás Augusto  
P228d Desengajamento moral e bullying em aulas de educação física na escola / Thomás Augusto Parente. - Rio Claro, 2016  
37 f. : il., gráfs., tabs.

Trabalho de conclusão de curso (licenciatura - Educação física) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro

Orientador: Roberto Tadeu Iaochite

1. Esportes - aspectos psicológicos. 2. Desengajamento moral. 3. Bullying. 4. Educação física. I. Título.

Dedico esse Trabalho de Conclusão de curso a minha família, meus professores e a todos aqueles que fizeram parte dessa historia e contribuíram para que eu chegasse ao que sou hoje.

## AGRADECIMENTOS

A toda a minha família, por todo o suporte, por me entenderem, por respeitarem minhas escolhas e me apoiarem nessa caminhada. A minha mãe, Raquel, minha primeira professora de Educação Física, minha grande inspiração e meu espelho, motivo pra eu sempre querer mais e batalhar pra conquistar aquilo que desejo. Ao meu pai, Daniel, amante dos esportes, obrigado por todos os jogos assistidos e comentados, por todo o apoio e auxílio para que eu realizasse meu sonho. E a minha avó, Valeria, que desde pequeno me acompanha, me ajuda e está sempre disposta a entender e me entender. E a Phoebe, minha irmã canina. Amo vocês.

Ao meu orientador, profº Drº Roberto Tadeu laochite, por desde o ensino médio ter me acolhido e acreditado em mim, por ter dado a minha primeira oportunidade dentro de uma Universidade e por todas as oportunidades durante a graduação que me proporcionou.

A Roesler, Renan, Bruna, Marina, Mayara, Julia, Bronel, Nubia e Pri, que durante esses quatro anos sempre estiveram comigo, obrigado por tudo que passamos e pela amizade que construímos durante esse tempo. Vocês são pra sempre.

A minha família de Unesp (Team Ana), obrigado a mãe do grupo, Ana Clara, e as irmãs Fer e Roesler (de novo) por termos formado esse time e espero que nossa família continue por muito tempo.

Agradeço a Pamella, ao Luna e Stefane por serem aquele tipo de amizade que podemos ficar meses sem se ver, mas que sempre continua forte.

Por ultimo, ao vôlei da Unesp e todos aqueles que fizeram parte desse grupo que me deixaram fazer uma das coisas que mais gosto, jogar. Mas um agradecimento em especial ao Vôlei Feminino, pela oportunidade de treinar uma equipe e crescer profissionalmente e, principalmente, pessoalmente. Agradeço de coração a todas as meninas que passaram por esse time e me deram a oportunidade de ser o que eu sou hoje e espero ter contribuído para o crescimento de cada uma, mais uma vez, obrigado.

## RESUMO

A violência dentro da escola é, nos dias de hoje, um dos grandes desafios a serem superados pelos indivíduos que fazem parte desse ambiente. E nas aulas de Educação Física não é diferente, sendo um ambiente propício ao aparecimento desses comportamentos inadequados. Um desses comportamentos é o *bullying*, fenômeno que está presente no cotidiano escolar e muitas vezes passa despercebido pela gestão escolar e professores. Esse fenômeno acontece de forma repetitiva, de um indivíduo a outro, causando grandes impactos à vítima. Buscando entender esses comportamentos foi utilizado como referencial teórico a Teoria Social Cognitiva, de Albert Bandura, mais especificamente o Desengajamento Moral, forma pela qual o indivíduo justifica seus atos transgredindo as normas éticas e morais, sem reconhecer o efeito na vítima.

Participaram do estudo 216 alunos com idade entre 10 e 15 anos, desses 42,6% do sexo masculino e 57,4% do sexo feminino, matriculados em duas escolas de Ensino Fundamental público da cidade de Rio Claro, SP. Com os alunos foram aplicados um questionário com inventário sobre o *bullying* e uma escala de Desengajamento Moral adaptada (BOARDLEY & KAVUSSANU, 2008).

Foi observada a percepção dos alunos quanto a cometeu (51,2% - poucas vezes) e sofreu bullying (47,7% - poucas vezes) durante as aulas com esses comportamentos. Em relação aos mecanismos de Desengajamento Moral o mecanismo comparação vantajosa ( $m = 3,38$ ) foi o que obteve maior média entre os oito postulados na teoria.

Sabendo dessas questões, cabe a todos os envolvidos no ambiente escolar o desenvolvimento de possibilidades que visem um melhor entendimento sobre essas questões e elaboração de estratégias a fim de diminuir esses comportamentos no ambiente escolar, tornando-o cada vez mais favorável ao desenvolvimento do aluno.

Palavras-chave: Desengajamento Moral, *bullying*, Educação Física.

## SUMÁRIO

|                                                                     |    |
|---------------------------------------------------------------------|----|
| 1. INTRODUÇÃO .....                                                 | 6  |
| 2. OBJETIVOS .....                                                  | 8  |
| 3. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA .....                                      | 9  |
| 3.1. Fenômeno <i>bullying</i> e o ambiente escolar .....            | 9  |
| 3.2. O fenômeno <i>bullying</i> e as aulas de Educação Física ..... | 11 |
| 3.3. Desengajamento Moral e a Teoria Social Cognitiva.....          | 15 |
| 3.4. Desengajamento Moral e a Educação Física .....                 | 16 |
| 4. MÉTODO .....                                                     | 20 |
| 5. RESULTADOS .....                                                 | 22 |
| 6. DISCUSSÃO .....                                                  | 28 |
| 7. CONCLUSÃO.....                                                   | 31 |
| REFERÊNCIAS.....                                                    | 32 |
| APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido .....       | 36 |

## 1. INTRODUÇÃO

As aulas de Educação Física na escola passaram por grandes transformações ao longo de sua história, partindo de diferentes concepções para formar o campo de conhecimento no qual está assentado. Para Betti e Zuliani (2002), a Educação Física escolar transpassa as questões de táticas e técnicas do esporte e envolve as questões sociais acerca das relações dos alunos com outros indivíduos e sobre a violência que é possível dentro da prática de atividade física, dentro ou fora das aulas de Educação Física. Marcondes e Gruppi (2013) retratam a importância do esporte para a criação da conduta nos indivíduos, sendo possível ensinar diversos tópicos em prol da melhora da atitude e das condutas prejudiciais através desse conteúdo, que está diretamente ligado as aulas de Educação Física na escola. Pensando nessa função da Educação Física escolar, é visto nos Parâmetros Curriculares Nacionais, ao tratar do ensino fundamental do 6º ao 9º ano, que um dos objetivos a serem atingidos durante as aulas é um posicionamento voltado ao respeito e contra injustiças, numa atitude próssocial (BRASIL, 1998), a fim de uma melhora nas condições de ensino e aprendizagem.

Porém, o que se vê atualmente são elevados índices de violência envolvendo diversas faixas etárias da vida dos indivíduos, não sendo diferente da fase jovem, aparecendo como um tema que mobiliza diversos estudos no âmbito nacional, pois é considerado um problema de saúde pública (BENINCASA, REZENDE E FUSAWA, 2007). Entende-se então como violência juvenil atos que visam causar, e de fato causam, danos as vítimas nas diferentes dimensões da agressão, cometidos por pessoas de idades entre 10 e 21 anos, as quais apresentam esses comportamentos anteriormente a fase da juventude (FARRINGTON, 2002; LOPES NETO, 2005) evidenciando a questão de que tais comportamentos são estimulados desde cedo nas crianças, vindo das suas relações sociais e potencializados com o passar da idade enquanto aquele indivíduo se desenvolve. Cocco e Lopes (2010) dizem que os jovens vêem a violência como algo que está em todos os locais, e acabam por alimentar outros sentimentos, como o medo.

Atualmente há um fenômeno que mobiliza a mídia e os meios quando o assunto é a violência na escola, chamado de *bullying*. Esse fenômeno é tratado por Lopes Neto (2005) como algo crescente, uma vez que se dá uma continuidade

nesses comportamentos antissociais, mais eles tendem a aparecer, influenciados por diversos fatores, entre eles o ambiente escolar.

No ambiente escolar, a violência aparece na forma de comportamentos antissociais, entre eles o *bullying*, feitos pelos alunos contra outros alunos e de alunos contra professores, seja na forma física ou verbal, refletindo uma questão social presente nos dias de hoje como a falta de respeito com o próximo, ocasionando em diversas outras situações problemáticas no campo educacional (GUIMARÃES, 2011). Fora do ambiente escolar, as agressões sofridas dentro dele podem gerar consequências graves e negativas em relação ao comportamento dos indivíduos na vida adulta, ambiente de trabalho e na relação com outros indivíduos ao mesmo tempo em que a escola se faz o ambiente mais propício para minimização desses atos e a construção de condutas permanentes e favoráveis a prática social (LOPES NETO, 2005).

Na busca por entender a relação do *bullying* com as aulas de Educação Física na escola, o referencial teórico-metodológico utilizado nessa pesquisa está assentado nos pressupostos da teoria social cognitiva (TSC), proposta por Albert Bandura (1986). Como princípio fundamental, essa teoria postula que a maior parte do comportamento humano é resultante da interação bidirecional entre os determinantes presentes no ambiente, no indivíduo e no próprio comportamento. O indivíduo é visto como produto e produtor das ações que realiza no ambiente em que vive (agência), atuando intencionalmente sobre ele e sendo por ele transformado (BANDURA, 1986). O desengajamento moral (DM) na TSC pode ser compreendido com um dos constructos ligados à agência moral. Bandura (1986) explica que o pensamento moral é um processo em que regras e padrões multidimensionais são usados para o julgamento da conduta (AZZI, 2011).

Azzi (2011, citando Iglesias, 2008, p.165) se refere ao desengajamento moral como um desprendimento dos padrões morais aceitos para que os atos antissociais sejam feitos sem autocondenação, funcionando como justificativa aos indivíduos agressores.

## 2. OBJETIVOS

O presente trabalho de conclusão de curso tem como objetivo investigar a partir do constructo do desengajamento moral, o fenômeno *bullying* no âmbito escolar, mais precisamente nas aulas de Educação Física. Com isso, pretende identificar quais mecanismos de desengajamento moral são utilizados pelos alunos para justificarem seus atos durante as aulas de Educação Física na escola bem como a percepção dos alunos em relação a cometer/sofrer com esses tipos de comportamentos durante as aulas.

### 3. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

#### 3.1. Fenômeno *bullying* e o ambiente escolar

A violência juvenil, quando tratada, está altamente relacionada ao âmbito escolar, vista por Lopes Neto (2005) como algo complexo que envolve todos os comportamentos antissociais e inadequados vindos de questões externas a escola e que se disseminam no ambiente escolar, encontrado também em Malta et. al. (2010) dizendo que a escola é onde ocorre a reprodução da vida social extra-escolar do aluno, onde na maioria das vezes não recebem a devida importância e são tratados com naturalidade, quando não são ignorados. Oliveira e Votre (2006) dizem que casos de violência que ocorrem na escola muitas vezes não são percebidos pelas autoridades escolares, ocorrendo longe da presença dos mesmos, facilitando a conduta do agressor em relação à vítima.

Kulinna, Cothran e Regualos (2006), buscando entender os comportamentos antissociais dos alunos, observaram que em algumas escolas o contexto escolar, sexo e outras variáveis influenciam em tais comportamentos, levando-os a praticar alguns atos não aceitos socialmente. Tognetta et. al. (2015) retratam que as questões que envolvem a violência, ou o *bullying*, apresentam um problema maior que apenas a dificuldade em identificar esses atos, tendo as relações entre os indivíduos e os julgamentos da situação por eles, que presenciaram o comportamento, como algo moral ou não, sendo a real preocupação.

Malta et. al. (2010) diz sobre dois tipos de violência, intituladas como “violência na escola” e “violência da escola”, sendo a primeira as questões que vem de fora para dentro do ambiente escolar e a segunda como as práticas próprias daquele ambiente. Pensando nessas questões, esses autores buscaram identificar as questões que envolvem esses comportamentos antissociais nas escolas e encontraram que a faixa etária tem grande relação com o aparecimento desses comportamentos, sendo mais frequente em indivíduos mais novos. Em relação ao sexo, o não sofrer com esses comportamentos está associado às meninas, enquanto que está altamente relacionado aos meninos as condutas antissociais.

O *bullying* dentro do ambiente escolar é tratado como um meio de supremacia social, em uma relação em que os mais fortes se sobressaem aos mais fracos caracterizado pela intenção clara do indivíduo agressor, ocorrendo uma aceitação da

vítima as imposições e chacotas feitas pelos agressores, que atingem a objetivos que vão contra as normas de conduta pedidas pela sociedade nos dias de hoje (MARTINS, 2005; LOPES NETO, 2005; TOGNETTA E ROSÁRIO, 2013; OLIVEIRA E VOTRE, 2006), Matos e Gonçalves (2009) tratam o *bullying* como um dos comportamentos mais comuns nos dias de hoje e o definem como uma atitude intencional que irá fazer mal a outro(s) de forma repetitiva. As autoras trazem ainda que os agressores são aqueles que tem vontade de poder e apresentam sentimento favorável em relação a violência e podem apresentar fatores de risco como o consumo de álcool e drogas, enquanto que as vítimas apresentam uma baixa auto-estima e não ocorrendo uma intervenção, esses comportamentos tendem a aumentar sua frequência. Pensando nisso, avaliaram 6131 escolares com idade entre 10 e 17 anos, que responderam um questionário sobre seus comportamentos e foi visto que, na forma do *bullying*, os mais frequentes foram: chamarem de nomes, levarem boatos e piadas sexuais por parte dos que sofrem, e chamar de nomes, piadas sexuais e deixar de fora da atividade por parte dos agressores.

Fischer e colaboradores (2010) em uma pesquisa realizada em território nacional procuraram apontar as diversas dimensões envolvidas no *bullying*, entre elas, as causas, que foram vistas pela opinião de alunos e professores. Os alunos relacionam esses comportamentos agressivos ao emprego de apelidos e agressões verbais, a dificuldade de relacionamento que os alunos agressores apresentam e ao sentimento de pertencer a um grupo; enquanto que os professores atribuem os maus comportamentos ocorrentes no ambiente escolar a família e a mídia. Nesse mesmo estudo, os autores procuraram saber a incidência do aparecimento desses comportamentos no ambiente escolar e chegaram que, no mínimo, 10% da amostra coletada já foi vítima de *bullying* e aponta que de três a seis vezes na semana é a maior frequência de atos.

Charczuk e Balbinotti (2003) avaliaram a frequência com que os comportamentos antissociais dos alunos ocorriam em uma escola estadual na visão do professor e do aluno. Os professores relataram que os mais frequentes foram ameaças, agressões verbais de alunos contra professores, entre outros. Relatam também que o ambiente escolar não está preparado para lidar com tais fatos, uma vez que as influências vêm de fora da escola. Na visão dos alunos, nesse mesmo estudo, a agressão física aparece como a mais frequente, tanto para a escola estadual investigada como para a escola particular, seguida de agressão verbal e

desentendimentos entre os alunos. A respeito desses comportamentos, Francisco e Libório (2009) investigaram o comportamento *bullying* entre escolares do ensino fundamental de escolas de Presidente Prudente, SP, matriculados na 5ª e 8ª série, atuais 6º e 9º anos, respectivamente. Nessa investigação procuraram saber sobre diversos fatores que envolvem esse fenômeno. Quanto ao tipo de comportamento que foi mais utilizado pelos alunos (físico ou verbal), para os alunos da 5ª série prevaleceram os comportamentos voltados às questões físicas, diferente do que ocorreu na 8ª série, prevalecendo as questões verbais, por meio de insultos e provocações. Em relação ao gênero do agressor, a maioria dos alunos entrevistados disse sofrer desses comportamentos vindos de ações do sexo masculino. Em ambos os anos escolares o sentimento dos alunos que sofreram com tais atos foi relacionado a tristeza e ao sentir-se mal, afetando negativamente aqueles alunos.

Em escolares do ensino médio os comportamentos referentes à humilhação são os que mais têm destaque, aparecendo também a violência entre pares, uma das formas de denominação para o *bullying* como algo frequente. Esses comportamentos podem aparecer como um reflexo a outros atos ou condutas antissociais, como a discriminação e o preconceito (AZZI et. al., 2015)

Caurcel e Almeida (2008) procurando saber quais sentimentos dos alunos ao vivenciarem uma ação de *bullying* na escola, a partir de imagens mostradas pelos pesquisadores. Para as vítimas, o sentimento de vergonha teve a maior porcentagem, sendo que 88% dos apresentaram esse sentimento, justificando não saber o que ocorreu para que tal ato surgisse. O sentimento atribuído aos grupos agressores era o de orgulho, com 89,8% das respostas, justificando seus atos dizendo que se sentem fortes após cometer tais atos e dizem se divertir quando realizam a ação.

Visto que a escola é um ambiente em que a tendência de aparecimento desses comportamentos é elevada, a seguir serão apresentados na perspectiva das aulas de Educação Física na escola.

### **3.2. O fenômeno *bullying* e as aulas de Educação Física**

Nas aulas de Educação Física não há uma diferença em relação aos comportamentos antissociais mais frequentes no ambiente escolar como um todo, aparecendo principalmente na forma de agressão verbal, exclusão do grupo de

amigos e na forma de apelidos (OLIVEIRA E SILVA, 2012). Lippelt (2004) mostra em seu estudo que a prevalência de comportamentos ocorre na forma verbal e física durante as aulas de Educação Física, com grande superioridade a forma verbal – 52% na primeira escola avaliada e 63,8% na segunda escola avaliada –, enquanto que na forma física a porcentagem é menor (13,2% e 21,2%, respectivamente), o que não as torna menos problemática, uma vez que independente da forma, os indivíduos que fazem parte desse meio apresentarão conseqüências no futuro, indo desde problemas acadêmicos a problemas na esfera pessoal (LOPES NETO, 2005).

Oliveira e Votre (2006) investigaram os comportamentos antissociais presentes nas aulas de Educação Física sobre a dimensão do fenômeno *bullying*, o qual os autores consideram como uma reprodução das ações culturais da sociedade dentro do ambiente escolar, como a discriminação e o preconceito, não se limitando a um gênero em específico, em que há casos envolvendo o sexo masculino e feminino nas variadas formas de agressão, física e/ou verbal, principalmente, indo de acordo com o que foi encontrado no estudo de Lippelt (2004) dizendo que durante as aulas de Educação Física escolar a falta de respeito e as agressões verbais podem ocasionar agressões físicas conforme a intensidade das ações que envolvem os alunos.

Weimer e Moreira (2014), ao avaliarem 55 alunos com idade de 10 a 14 anos, buscando saber o que entendiam como comportamentos antissociais e o *bullying*, chegaram ao resultado de que os alunos não apresentam um conceito exato sobre o tema e explicam por situações vividas nas aulas de Educação Física como agressões físicas e verbais, resultados que vão de acordo com o que Hurley & Mandigo (2010) retrataram em sua pesquisa, mostrando que a predominância de comportamentos antissociais são as agressões físicas como bater e chutar e agressões verbais como zombar dos colegas de classe durante as aulas de Educação Física.

Ainda em Weimer e Moreira (2014) procurando saber sobre a agressão nas aulas de Educação Física na escola, encontraram que 45% dos alunos vivenciaram algum tipo de agressão “algumas vezes” durante as aulas, e na busca por saber sobre apelidos e xingamentos, 49% dos alunos disseram que isso nunca ocorreu durante as aulas, enquanto que 33% disseram ter sofrido com isso “algumas vezes”.

Na percepção do aluno, os motivos que os levam a cometer tais atos se relacionam a brincadeiras de mau gosto durante a aula e por situações frequentes

em uma aula de Educação Física, como por exemplo, um erro de passe (WEIMER E MOREIRA, 2014; LIPPELT, 2004). Oliveira e Votre (2006) dizem que alunos do sexo masculino, nas aulas de Educação Física, apresentam comportamentos mais agressivos do que alunos do sexo feminino, visto também no estudo de Balbinotti et. al. (2012), que caracterizam as ações antidesportivas como algo relacionado ao sexo masculino, explicando que a natureza do esporte, por meio da competição, estimula mais os meninos do que as meninas a cometerem tais atos, porém, nessa mesma perspectiva, Freire, Simão e Ferreira (2006), no estudo realizado em Lisboa, Portugal, dizem que não há distinção entre os sexos quando o assunto é a frequência dos comportamentos, mas diferencia-se na forma, sendo as agressões verbais mais comuns ao sexo feminino e as agressões físicas ao sexo masculino.

Foi realizada uma busca de artigos em uma base de dados, na qual, procurou-se por artigos envolvendo a temática nos últimos quatro anos. Para a realização da busca, foram utilizadas as palavras-chave *bullying*, Educação Física e violência. Foram encontrados três artigos entre os anos de 2012 e 2015, que se referem ao papel do professor de Educação Física e das aulas de Educação Física escolar relacionada ao *bullying*, como pode ser visto no Quadro 1, com a síntese desses artigos.

**Quadro 1 – Síntese de Artigos**

| Autores                                                             | Ano  | Título                                                                                      | Objetivos                                                                                                                                  | Metodologia                                                                                                      | Resultados                                                                                            |
|---------------------------------------------------------------------|------|---------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Costa, T. P., Arêas Neto, N. T., Saint'Clair, E. M. Calomeni, M. R. | 2012 | A função do educador físico no enfrentamento do fenômeno <i>bullying</i> no âmbito escolar  | Identificar o fenômeno <i>bullying</i> no ambiente escolar e o posicionamento do professor de Educação Física diante desses acontecimentos | Revisão de literatura recente que envolva o combate ao <i>bullying</i> referente ao professor de Educação Física | Caracteriza o <i>bullying</i> como algo negativo                                                      |
| Melim, F. M. O., Pereira, B. O.                                     | 2013 | Prática desportiva, um meio de prevenção do <i>bullying</i> na escola                       | Analisar se a participação desportiva dos alunos diminui as situações de <i>bullying</i> dentro da escola                                  | 1818 alunos de escolas portuguesas, com média de idade de 12,8 anos. Questionário sobre <i>bullying</i> .        | Gênero do participante e tipo de modalidade influencia nos casos de <i>bullying</i>                   |
| Melim, F. M. O., Pereira, M. B. F. O.                               | 2015 | A influência da Educação Física no <i>bullying</i> escolar: A solução ou parte do problema? | Analisar as influências entre a EF e o <i>bullying</i> e entender o que esse fenômeno atrapalha outras dimensões.                          | 1818 alunos de escolas portuguesas, com média de idade de 12,8 anos.                                             | Os alunos que foram vítimas de <i>bullying</i> sentem mais dificuldade de participar das aulas de EF. |

Fonte: elaborado pelo autor.

Os dilemas morais vividos pelos jovens de idade entre 12 e 16 anos, segundo Balbinotti et. al. (2012), são refletidos em seus comportamentos durante a prática esportiva e os aproximam do fenômeno do *bullying*, evidenciadas pela vontade de vencer, como agressão física e verbal, fora a quebra das regras do jogo, em busca de obter vantagem individual que levará o indivíduo agressor ao seu objetivo principal. Os autores completam dizendo que o professor é peça fundamental nesse sentido. Ao estimularem a vitória e somente a vitória, descaracterizam as ações positivas do esporte inculcando nos alunos a ideia do ganhar a qualquer custo, utilizando-se de atitudes antissociais.

Silverman (1998), sabendo do comportamento inadequado dos alunos nas aulas de Educação Física, procurou aplicar um currículo intitulado “Fair Play for Kids” nas aulas de Educação Física na escola. Fazia parte desse currículo um questionário, que viria a ser aplicado. Com os professores de Educação Física escolar houve uma preparação inicial para tratarem de temas como o respeito ao adversário, aos árbitros e as regras, e esses deviam elaborar estratégias de ensino para favorecer o aparecimento de comportamentos próssociais. Após a aplicação do currículo nas aulas, 452 alunos responderam um questionário a respeito de suas atitudes morais, que foram divididos em dois grupos, os que receberam a aplicação do currículo e os que não receberam, e não houve uma diferença entre os grupos, apontando que somente a intervenção nas aulas de Educação Física no desenvolvimento de atitudes morais aceitas não é suficiente, necessitando de algo a mais para o desenvolvimento desses comportamentos.

Na visão do professor de Educação Física, Jacobs, Knoppers & Webb (2013), utilizando-se de entrevistas, procuraram saber sobre a contribuição das aulas de Educação Física na escola e o papel do professor na difusão dos valores morais aos alunos. Inicialmente, os professores, em suas respostas, citaram o respeito as diferenças, fair-play, respeito as regras e o ganhar e perder como questões morais presentes nas aulas, dizendo que essas situações visam o desenvolvimento social e moral dos alunos, o que pode melhorar a relação entre os alunos e alunos e entre alunos e professores.

Dado que o *bullying* está muito presente nas aulas de Educação Física na escola, na tentativa de entender esse fenômeno será utilizado um dos constructos

da Teoria Social Cognitiva, de Albert Bandura (1986), o desengajamento moral, como será visto no próximo tópico.

### 3.3. Desengajamento Moral e a Teoria Social Cognitiva

O desengajamento moral, segundo Bandura (1999), ocorre na medida em que as pessoas se desengajam das próprias autocensuras. Isto é, quando elas deixam de reconhecer, gradativamente, as referências morais. De maneira lenta e gradual, as pessoas deixam de se indignar com cenas, contextos e comportamentos que ferem e causam prejuízo ao outro. Em sua obra clássica de 1986, Bandura postula oito processos que explicam como as pessoas se desengajam moralmente para cometer atos antissociais sem que se sintam culpadas ou censuradas por isso. São eles: a) *justificativa moral*: reconstrução cognitiva que transforma a agressão em uma conduta pessoal socialmente aceitável; b) *linguagem eufemística*: mascaramento da agressão pelo uso de linguagem que diminui ou suaviza a gravidade da ação; c) *comparação vantajosa*: ocorre quando a agressão parece ser menor se comparada com atos agressivos mais graves; d) *minimização ou distorção das consequências*: ocorre quando há uma tentativa de que se faz o mal pelo bem, ou que os fins justificam os meios; e) *desumanização*: ocorre quando se retira as qualidades humanas da vítima, atribuindo-lhes qualidades bestiais; f) *atribuição da culpa*: atribui-se culpa à vítima, sendo ela merecedora da agressão; g) *deslocamento de responsabilidade*: justifica-se a agressão deslocando a responsabilidade para outra situação, contexto ou pessoa; h) *difusão de responsabilidade*: quando a culpa pela agressão perde sua força devido à pulverização da responsabilidade entre um grupo, ou por imposição de outros.

Tognetta e Rosário (2013) procuraram desenvolver em sua pesquisa como os indivíduos se engajam ou desengajam de suas condutas antissociais, tornando-a algo positivo ou errado, dependendo da perspectiva. Utilizaram duas teorias de suporte, uma delas, a de Albert Bandura, a qual, citando o autor, trata do desengajamento moral como um comportamento em que o indivíduo se livra de suas autocensuras, não dando a devida importância ao sentimento do outro, a vítima (BANDURA et. al., 2001). laochite (2015, citando BANDURA, 1999) retrata o desengajamento moral como um processo autorregulatório por parte do agressor, que reconstrói cognitivamente os comportamentos inadequados cometidos pelo

indivíduo. Azzi (2011) trata do desengajamento moral como ações que implicam em algum dano ou sofrimento a vítima sem que o autor se responsabilize pela ação, envolvendo muito mais que apenas aspectos morais, como o pensamento. Tognetta et. al. (2015) ao se referirem sobre o desengajar por parte dos agressores, explicam que ocorre como um meio para que aquela conduta permaneça dentro dos padrões morais aceitos, mantendo uma imagem favorável a aqueles que estavam envolvidos no problema.

Caprara e colaboradores (2009) dão definições sobre os mecanismos de desengajamento moral de forma simplificada, as quais serão apresentadas a seguir. Ao transformar a conduta inaceitável em algo aceitável moralmente, é utilizado o mecanismo “justificativa moral”; quando ocorre a comparação com atos possivelmente piores, “comparação vantajosa”; ocorrendo a suavização da ação, “linguagem eufemística”; quando o agressor sai do foco da ação, “difusão de responsabilidade”; quando o agressor procura estabelecer relações entre a consequência e o que foi feito, “deslocamento de responsabilidade”; já quando evita pensar nas consequências, “distorção das consequências”; ao transferir à vítima a culpa pela ação, “atribuição de culpa”; e, por ultimo, quando da características não humanas a vítima, “desumanização”.

Caurcel e Almeida (2008) trazem em seu estudo, realizado com escolares de Portugal e Espanha, que uma baixa porcentagem dos alunos agressores dentro do ambiente escolar se sentam culpados (15,6%) ou envergonhados (9,3%) quando cometem alguma situação relacionada ao *bullying* ou comportamentos antissociais, enquanto que o grupo vítima da ação apresentam o sentimento de culpa (38,4%). É perceptível que ocorrem situações relacionadas ao que Bandura escreve em sua teoria ao tratar do Desengajamento Moral, ocorrendo uma desvinculação dos atos por parte dos agressores e em relação as vítima, o que ocorre é a ligação com um dos oito mecanismos postulados na teoria, a atribuição de culpa.

O Desengajamento Moral é estudado por pesquisadores de diversas áreas, incluindo a da Educação Física, aproximando-se da realidade desse estudo, que vem a seguir.

### **3.4. Desengajamento Moral e a Educação Física**

Na área da Educação Física, o desengajamento moral tem sido amplamente estudado no cenário esportivo por Boardley & Kavussanu (2008), na busca por

entender o comportamento de atletas durante a prática esportiva, no que é chamado de antidesportivismo. Porém, quando relacionado às aulas de Educação Física na escola, são poucos os estudos que utilizam desse referencial teórico, principalmente no âmbito nacional, sendo quase inexistentes, mostrando que o conhecimento sobre tais conteúdos podem ser benéficos a melhora dos comportamentos de alunos não apenas nas aulas de Educação Física, mas nas diversas faces do ambiente escolar. Sobre essa dificuldade de encontrar pesquisas semelhantes na literatura, optou-se pela realização de uma busca voltada a área da Educação Física de modo geral, não especificando um campo, como a Educação Física escolar.

É perceptível que durante a prática esportiva, principalmente nas competições, atletas que não respeitam as regras para se sobressair sobre a outra equipe, ocultando sua verdadeira intenção, passam outra ideia aos superiores, como os técnicos ou árbitros, fugindo do termo fairplay, sendo isso o que diz Moura (2014), e completa dizendo que os atletas se utilizam desses meios para evitar as derrotas durante as partidas, ajustando sua moral conforme a necessidade ou momento em que está situado, ocorrendo uma variação das atitudes morais.

Boardley & Kavussanu (2011) investigaram o desengajamento moral em atletas de diferentes esportes, de ambos os sexos, com idades variadas, sendo jovens ou adultos. Dentre os esportes estavam o futebol, basquetebol, judô, entre outros. Nessa pesquisa buscaram identificar os mecanismos de desengajamento moral mais utilizados na transgressão dos atos durante a prática esportiva, e os relacionaram principalmente a atletas do sexo masculino, dizendo que se utilizam mais desses mecanismos do que atletas do sexo feminino dos mesmo esportes.

Na busca pela validação da escala de DM, versão curta, Boardley & Kavussanu (2008) dividiram sua investigação em três amostras, investigando 992 atletas, com idade entre 12 e 68 anos de idade.

Gonçalves et. al. (2006) avaliando jovens atletas com idade entre 13 e 16 anos através de um questionário com itens que se aproximam dos mecanismos de desengajamento moral como, por exemplo, “como não é contra as regras pressionar os adversários, posso fazer” e obtiveram que as respostas se assemelham com o que os autores buscavam, mas que analisá-las isoladamente as torna falha, uma vez que a prática esportiva envolve muito mais aspectos relevantes para o seu entendimento e o entendimento do comportamento dos atletas.

Ainda sobre o esporte, temas como o fairplay, no combate ao antidesportivismo, ganham grande destaque, uma vez que as variáveis do antidesportivismo que vão desde o não cumprir as regras a prejudicar diretamente um adversário são vistas como normal por jovens atletas, não avaliando a real consequência ao adversário (EVANGELISTA, 2011). Esses comportamentos em jovens tendem a ser refletidos ao longo da vida desses indivíduos, dentro ou fora do esporte.

laochite (2015) utiliza de exemplos no esporte para explicar os mecanismos de desengajamento moral a seguir. A justificativa moral é encontrada quando uma ação ocorre para a proteção de alguém da mesma equipe, tornando a atitude nobre. Na comparação vantajosa ocorre a substituição da ação por algo pior, tornando uma agressão verbal melhor que uma agressão física. Na linguagem eufemística há uma suavização do comportamento como é visto quando o agressor se utiliza de termos como “dar uma lição” no adversário. Semelhantes, os mecanismos deslocamento e difusão de responsabilidade surgem quando se transfere a conduta antissocial a outro(s), visto quando um jogador não pode ser culpado por uma falta se todos da equipe estão fazendo o mesmo. Ao se utilizar do mecanismo distorção das consequências o agressor considera que sua ação não foi um problema, uma vez que os fins justificam os meios. A desumanização é vista em relatos de atletas de rugby, ao dizerem que “ele parecia um animal em campo” como forma de justificar uma falta agressiva. Por ultimo, atribui-se a culpa a vítima quando o agressor transfere a ela a culpa pela sua ação, dizendo que só se machucou, após um ato antidesportivo, porque não se preparou bem para o jogo.

Dois estudos referentes aos mecanismos de desengajamento moral no esporte são destacados: o primeiro realizado por Traclet, et. al. (2014), encontraram na investigação feita com jogadores de futebol da Inglaterra que os mecanismos justificativa moral e atribuição de culpa foram os mais citados pelos investigados, se utilizando desses mecanismos principalmente em resposta as ações da arbitragem e dos técnicos. Corrion et. al. (2009), no segundo estudo, em investigação semelhante, porém com atletas universitários franceses, encontraram que deslocamento de responsabilidade, atribuição de culpa e distorção das consequências foram os mecanismos mais citados pelos atletas.

Antunes, Borrego e Ferreira (2014) ao avaliarem atletas com idade entre 12 e 25 anos, de ambos os sexos, procuraram saber sobre o desengajamento moral

referente às condições motivacionais durante a prática e o momento em que ocorrem os atos, sabendo disso, ocorreu uma diferenciação entre o sexo masculino e feminino, chegando que os indivíduos do sexo masculino se desengajam mais de seus atos utilizando principalmente o mecanismo justificativa moral.

#### 4. MÉTODO

Participaram do estudo 216 alunos com idade entre 10 e 15 anos, predominando os alunos com 11 anos (40,7%), 12 anos, (26,9%) e 13 anos (20,4%). Não houve restrições quanto ao sexo do participante, sendo que do total são 42,6% do sexo masculino e 57,4% do sexo feminino. Os estudantes estavam matriculados no Ensino Fundamental de duas escolas públicas do município de Rio Claro, SP, localizadas em duas diferentes regiões da cidade, atendendo grupos de alunos de diferentes realidades. Em relação aos anos de ensino, 61,6% estavam matriculados no 6º ano, configurando a maioria do estudo, 18,5% no 7º ano, 13,4% no 8º ano e 6,5% no 9º ano.

Como instrumentos para a coleta de dados foram utilizados: a) questionário de caracterização do participante contendo nome, o qual foi preservado, sexo, idade e ano escolar em que estava matriculado; b) inventário sobre comportamentos antissociais presentes em aulas de Educação Física, em que consistia em perguntas com o intuito de, a partir da percepção dos alunos, saber se já haviam cometido ou sofrido algum tipo de violência dentro das aulas, como por exemplo, “Você já cometeu algum ato relacionado a xingamento, agressão física, desprezo, chacotas (tirar sarro) nas aulas de Educação Física?” e “Você já sofreu algum ato relacionado a xingamento, agressão física, desprezo, chacotas (tirar sarro) nas aulas de Educação Física?”; e c) escala de desengajamento moral (BOARDLEY & KAVUSSANU, 2008), adaptada ao contexto escolar para identificação dos mecanismos de desengajamento moral. Inicialmente seria utilizada a versão curta da escala e devido a inconsistência da correlação entre os itens, optou-se pela utilização da versão completa que contém 32 itens em escala Likert de seis pontos, de 1, referente a “discordo totalmente”, a 6, referente a “concordo totalmente”. Para a análise dos dados os itens foram divididos em seis subescalas referentes aos mecanismos de desengajamento moral e após o agrupamento desses itens foi realizada uma média da resposta dos alunos. A escala adaptada completa apresentou um índice de confiabilidade muito bom ( $\alpha = 0,878$ ).

Dentre os procedimentos para a coleta de dados foi feito: a) contato inicial com as instituições de ensino, na qual o pesquisador conversou com membros da gestão escolar para explicação dos procedimentos a que seriam realizados durante a coleta de dados e após o aceite por parte da coordenadoria da escola houve o

contato com os participantes do estudo por meio do convite e esclarecimentos dos objetivos da pesquisa, ao mesmo tempo em que foi entregue a eles o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE – Apêndice A), parecer do Comitê de Ética em pesquisa numero 908.560. Os alunos, por serem menores de idade, precisaram da autorização dos pais ou responsáveis pelos estudantes, os quais assinaram o TCLE, de forma que aqueles que retornaram o documento participaram da coleta; b) aplicação dos instrumentos com os participantes, de forma coletiva, estando em aberta a possibilidade de perguntas referentes ao inventário de comportamentos antissociais e a escala ao pesquisador caso houvessem dúvidas; e c) análise dos dados. Os dados foram analisados com o suporte do software SPSS, v.22.

## 5. RESULTADOS

Utilizando-se da escala de desengajamento moral adaptada (BOARDLEY & KAVUSSANU, 2008) os resultados serão apresentados através da divisão do instrumento nas seis subescalas propostas, sendo que cada uma representa um ou dois mecanismos de desengajamento moral. Essas subescalas recebem o nome de fator, sendo que: 1) justificativa moral e linguagem eufemística; 2) comparação vantajosa; 3) deslocamento de responsabilidade e difusão de responsabilidade; 4) distorção das conseqüências; 5) desumanização; e 6) atribuição de culpa.

Os itens 6 e 32 da escala foram excluídos devido a problemas na tradução e baixa correlação com os demais itens, respectivamente.

Sabendo dessa divisão, os 30 itens restantes da escala foram agrupados e serão apresentados a seguir.

O Fator 1 da escala agrupou os mecanismos de 1 a 8, como pode ser visto na Tabela 1. Esse fator obteve um índice de confiabilidade desejável ( $\alpha = 0,672$ ). A média final dos mecanismos foi de 2,25, sendo a média que corresponde aos mecanismos englobados nesse fator: justificativa moral e linguagem eufemística.

**Tabela 1** – Estatística descritiva por item da subescala Fator 1.

|                                                                                                   | Média | DP   |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------|-------|------|
| 1. Não há problemas em brigar com um adversário que insultou (falou mal) com alguém da sua equipe | 2,57  | 1,59 |
| 2. Não há problemas em trapacear no jogo se for para ajudar sua equipe                            | 1,94  | 1,41 |
| 3. Não há problemas em cometer falta se for para proteger sua equipe                              | 2,58  | 1,53 |
| 4. Não há problemas em brigar se for para proteger alguém da sua equipe                           | 2,55  | 1,52 |
| 5. Agredir um adversário é um meio de dar uma lição nele                                          | 1,94  | 1,33 |
| 7. Agir agressivamente é uma forma de mostrar que você é um jogador forte                         | 1,90  | 1,41 |
| 8. Discutir com o árbitro é um meio de você colocá-lo no lugar dele                               | 2,24  | 1,45 |
| Média da subescala                                                                                | 2,25  | 0,85 |
| Alpha de Cronbach                                                                                 | 0,672 |      |

**Fonte:** Dados da pesquisa.

O Fator 2 agrupou os itens que correspondem ao mecanismo comparação vantajosa. Esse fator obteve índice de confiabilidade desejado ( $\alpha = 0,724$ ). Como pode ser visto na Tabela 2, a média obtida foi de 3,38, sendo a maior dentre a

subdivisão feita e conseqüentemente, o mecanismo comparação vantajosa é a justificativa mais comum aos estudantes.

**Tabela 2 – Estatística descritiva por item da subescala Fator 2**

|                                                                                    | Média | Dp   |
|------------------------------------------------------------------------------------|-------|------|
| 9. É melhor falar mal de um colega do que bater nele                               | 3,69  | 1,70 |
| 10. Zombar de alguém não é tão ruim quanto bater nele                              | 3,46  | 1,55 |
| 11. Não há problemas em gritar com o adversário se não acabar em violência         | 3,31  | 1,69 |
| 12. Provocar verbalmente um adversário não é tão ruim quanto agredi-lo fisicamente | 3,08  | 1,53 |
| Média da subescala                                                                 | 3,38  | 1,20 |
| Alpha de Cronbach                                                                  | 0,724 |      |

**Fonte:** Dados da pesquisa.

O Fator 3 equivale aos mecanismos Deslocamento de Responsabilidade e Difusão de Responsabilidade, obteve índice de confiabilidade desejável ( $\alpha = 0,706$ ) e no agrupamento dos itens obteve 2,67 de média.

**Tabela 3 – Estatística descritiva por item da subescala Fator 3**

|                                                                                                                                                | Média | Dp   |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------|------|
| 13. Um jogador não deve ser culpado por usar táticas contra as regras se todos da equipe estão fazendo isso                                    | 3,13  | 1,83 |
| 14. É injusto culpar um jogador por uma ou outra conduta agressiva feita de vez em quando                                                      | 2,62  | 1,43 |
| 15. A decisão da equipe em usar táticas antidesportivas não é responsabilidade de um ou outro jogador                                          | 2,76  | 1,52 |
| 16. Jogadores não deveriam assumir a responsabilidade pelas conseqüências negativas de suas ações se eles estão seguindo as decisões da equipe | 2,71  | 1,72 |
| 17. Um jogador não é responsável por agir agressivamente se isso é incentivado por outras pessoas                                              | 2,52  | 1,47 |
| 18. Um jogador não deveria ser culpado por machucar o adversário se o professor o incentiva a fazer isso                                       | 2,66  | 1,76 |
| 19. Se o jogador não é ensinado para agir de forma agressiva, ele não deve ser culpado quando faz isso                                         | 2,60  | 1,56 |
| 20. Você não deveria ser culpado por discutir/brigar com o professor se outros colegas também fazem isso                                       | 2,37  | 1,56 |
| Média da subescala                                                                                                                             | 2,67  | 0,92 |
| Alpha de Cronbach                                                                                                                              | 0,706 |      |

**Fonte:** Dados da pesquisa.

A Tabela 4 corresponde ao Fator 4, que equivale ao mecanismo distorção das conseqüências, e ao agrupar os itens vistos abaixo, obteve média de 2,45 pontos e um índice de confiabilidade desejado ( $\alpha = 0,754$ ).

**Tabela 4** – Estatística descritiva por item da subescala Fator 4

|                                                                 | Média | Dp   |
|-----------------------------------------------------------------|-------|------|
| 21. Zombar do adversário não irá machucá-lo.                    | 2,54  | 1,61 |
| 22. Insultos entre os jogadores não machucam ninguém            | 2,38  | 1,48 |
| 23. Linguagem agressiva contra o adversário não machuca ninguém | 2,40  | 1,51 |
| 24. Provocar o adversário não o machuca                         | 2,48  | 1,54 |
| Média da subescala                                              | 2,45  | 1,16 |
| Alpha de Cronbach                                               | 0,754 |      |

**Fonte:** Dados da pesquisa.

O Fator 5 apresentado a seguir na Tabela 5 faz referência ao mecanismo desumanização, que apresentou um índice de confiabilidade desejável ( $\alpha = 0,688$ ). Essa subescala obteve média de 2,37 pontos.

**Tabela 5** – Estatística descritiva por item da subescala Fator 5

|                                                                                           | Média | Dp   |
|-------------------------------------------------------------------------------------------|-------|------|
| 25. Alguns adversários merecem ser tratados como animais.                                 | 1,98  | 1,38 |
| 26. Não há problemas em desrespeitar um adversário se ele se comporta como um animal      | 2,52  | 1,54 |
| 27. Se um adversário se comporta como um animal, ele merece ser tratado como um animal    | 2,43  | 1,50 |
| 28. Se um adversário não se comporta como um ser humano, ele deve sofrer as conseqüências | 2,54  | 1,59 |
| Média da subescala                                                                        | 2,37  | 1,08 |
| Alpha de Cronbach                                                                         | 0,688 |      |

**Fonte:** Dados da pesquisa.

O Fator 6 apresenta um nível de consistência interna abaixo do desejável ( $\alpha = 0,567$ ), mas foi mantido na pesquisa, sem que houvesse a exclusão de um mecanismo de desengajamento moral da análise dos dados. Como é visto na Tabela 6 a média dos itens agrupados foi de 2,68 e corresponde ao mecanismo atribuição de culpa.

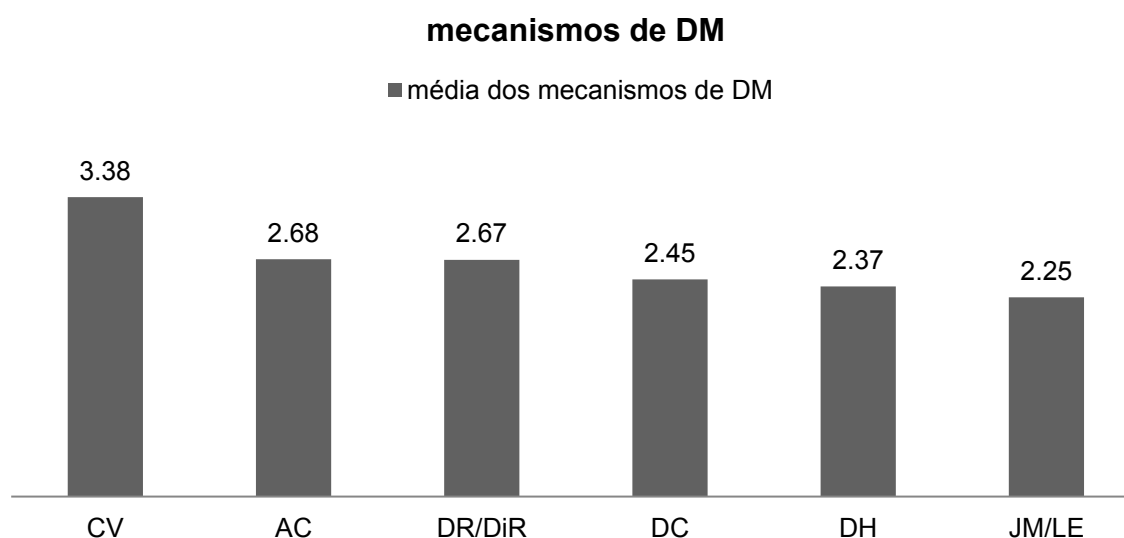
**Tabela 6** – Estatística descritiva por item da subescala Fator 6

|                                                                                                     | Média | Dp   |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------|-------|------|
| 29. Se um jogador é zombado pelo adversário, a culpa é do adversário se o jogador tentar machuca-lo | 2,77  | 1,59 |
| 30. Quando um jogador é maltratado, ele fez por merecer                                             | 2,67  | 1,53 |
| 31. Quando um jogador revida contra o adversário, a culpa é do adversário                           | 2,61  | 1,55 |
| Média da subescala                                                                                  | 2,68  | 1,14 |
| Alpha de Cronbach                                                                                   | 0,567 |      |

**Fonte:** Dados da pesquisa.

A escala global constituída pelos 30 itens, sendo que dois itens foram excluídos, obteve um nível de consistência interna muito boa ( $\alpha = 0,878$ ).

A seguir encontram-se as médias dos oito mecanismos de desengajamento moral, em ordem decrescente: comparação vantajosa (CV), atribuição de culpa (AC), deslocamento de responsabilidade e difusão de responsabilidade (DR/DiR), distorção das conseqüências (DC), desumanização (DH) e justificativa moral e linguagem eufemística (JM/LE), como pode ser visto na Figura 1.

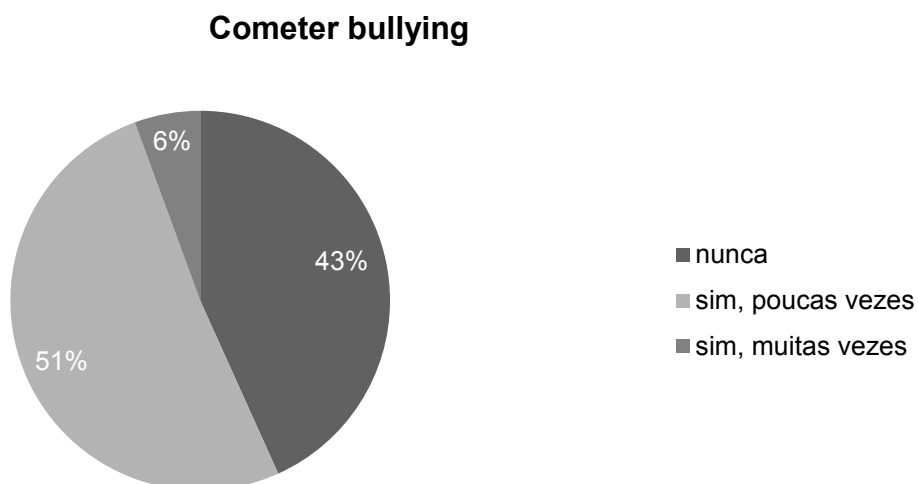
**Figura 1** – Média dos mecanismos de desengajamento moral.

**Fonte:** Dados da pesquisa.

Em relação à percepção dos alunos referente ao cometer ou sofrer com esses comportamentos de *bullying* durante as aulas de Educação Física na escola. Na variável “cometeu”, visto na Figura 2, foi encontrado que 51,2% dos alunos consideraram ter cometido esses atos durante as aulas de Educação Física poucas

vezes, enquanto que 5,6% consideram ter cometido muitas vezes esses atos. No contraponto dessa situação, 43,3% dos alunos disseram não cometer comportamentos dessa conduta.

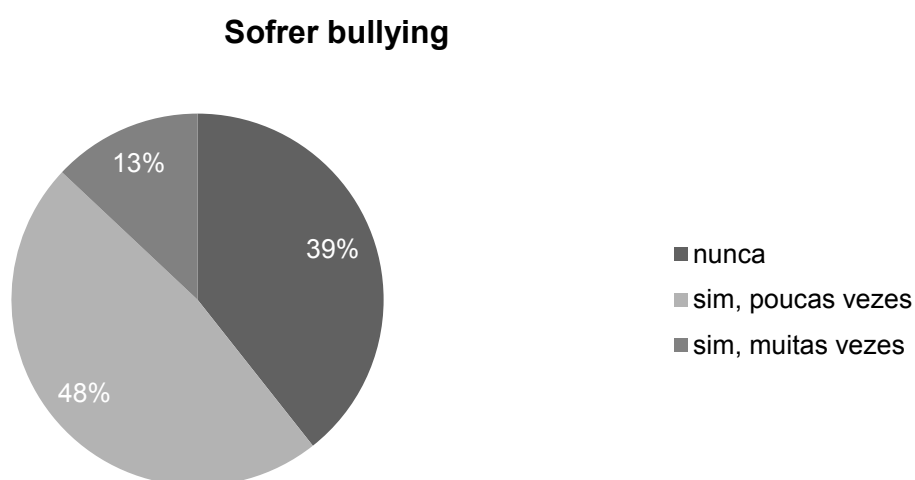
**Figura 2** – Percepção dos alunos em relação a cometer *bullying*



**Fonte:** Dados da pesquisa.

Na variável “sofreu” com o bullying durante as aulas de Educação Física na escola, observa-se que 47,7% dos alunos responderam que sofreram poucas vezes com esses comportamentos e 13,0% dos alunos responderam ter sofrido muitas vezes, enquanto que 39,4% dos alunos disseram nunca terem sofrido com esses atos, como mostra a Figura 3.

**Figura 3** – Percepção dos alunos em relação a sofrer *bullying*



**Fonte:** Dados da pesquisa.

Em ambos os casos (Figura 2 e Figura 3), os alunos que cometeram ou sofreram com o *bullying* são a maioria, totalizando mais da metade dos alunos investigados, superando os alunos que declararam nunca ter cometido ou sofrido com esses comportamentos.

## 6. DISCUSSÃO

Sabendo dos objetivos do estudo, a percepção dos alunos em relação as situações de *bullying* vivenciadas durante a Educação Física escolar são destacadas, como uma forma de violência comum ao meio escolar, sobre isso, Martins (2005) a classifica de duas formas, reativa ou instrumental, a primeira parte de uma explosão emocional momentânea e a segunda é utilizada como meio para atingir um objetivo, dizendo ainda que os que se utilizam do segundo tipo tentam tornar legítima a ação por meio de justificativas.

Pensando na utilização de justificativas aos atos cometidos, chega-se ao desengajamento moral proposto por Albert Bandura em sua teoria. Porém, inicialmente faz-se uma relação com os indivíduos que consideram ou não realizar esses tipos de ato relacionados ao *bullying* durante as aulas.

É visto no estudo que a maioria dos alunos, tanto na variável cometeu como sofreu com esses comportamentos, seja poucas ou muitas vezes, ocupa mais da metade da quantidade total de alunos, evidenciando que esses comportamentos estão altamente presentes nas aulas de Educação Física e no ambiente escolar.

Buscando identificar as mesmas variáveis nas aulas de Educação Física, Weimer e Moreira (2014) analisaram, pela percepção do aluno, se alguém dentro da aula já havia cometido algum ato de *bullying*. Os autores optaram em seu estudo por uma separação entre agressão verbal e agressão física em que nesses casos, 44% dos alunos disseram sofrer com agressões verbais algumas vezes, 4% muitas vezes e 5% sempre, enquanto que 47% disseram não sofrer, dessa forma, mais da metade dos alunos sofrem com agressões verbais. Em relação as agressões físicas, 15% disseram sofrer algumas vezes e 5% sempre, e a grande maioria do alunos (80%) disseram nunca ter vivenciado dessas situações.

A frequência com que os comportamentos aparecem é um dos pontos que caracteriza o *bullying*, sendo assim, o aparecimento deles, mesmo que poucas vezes, causam impactos a vítima. Francisco e Libório (2009) analisando escolas periféricas da cidade da pesquisa chegaram aos resultados de que 67% dos alunos de 5ª série (atual 6º ano) e 57,1% dos alunos de 8ª série (atual 9º ano) sofreram com esses comportamentos dentro da escola.

Dessa forma, percebe-se que o que os alunos relataram no presente estudo tem relação com outras pesquisas realizadas, o que deixa evidente a preocupação

dos mais diversos ramos da sociedade com essa problemática que envolve a escola e as aulas de Educação Física.

Em relação aos mecanismos de desengajamento moral e sua identificação a partir das respostas dos alunos de duas escolas públicas de Rio Claro, SP, chegou-se que os mecanismos comparação vantajosa e atribuição de culpa foram os com maior média entre os oito postulados, seguidos inicialmente pelo fator que agrupa os mecanismos difusão de responsabilidade e deslocamento de responsabilidade e depois pelo mecanismo distorção das consequências. No estudo de validação da escala versão curta, feita por Boardley & Kavussanu (2008), com as mais variadas idades, tendo indivíduos dos 15 até a fase idosa, os resultados obtidos mostram que os quatro mecanismos que mais foram utilizados pelos atletas investigados no estudo são semelhantes aos encontrados no presente estudo, se diferenciando no qual obteve a maior média, desumanização. Os demais, sendo eles comparação vantajosa, difusão de responsabilidade e atribuição de culpa também foram encontrados nesse estudo como os de maior frequência. Por ser utilizada a versão completa da escala, os agrupamentos de mecanismos nos fatores determinados pela subescala colocam o mecanismo deslocamento de responsabilidade entre os de maior frequência, o que podia ter alterações caso fosse seguida a versão curta, uma vez que todos os mecanismos são avaliados individualmente, como ocorreu no estudo original, em que esse mecanismo citado (deslocamento de responsabilidade) foi o de menor média entre os oito.

Em Tognetta et. al. (2015), que divide os resultados de seu estudo em duas partes, a partir das histórias mostradas aos adolescentes investigados de 14 e 15 anos, sendo que a primeira história contada, ao tratar dos desengajamentos morais, se assemelha aos resultados obtidos nesse estudo, estando em segundo e quarto lugar os mecanismos comparação vantajosa e atribuição de culpa, respectivamente. Mostra também que deslocamento de responsabilidade foi o mecanismo mais utilizado pelos adolescentes, sendo esse o terceiro de maior média na investigação realizada com alunos da cidade de Rio Claro.

Esses resultados apresentados tanto a nível nacional (TOGNETTA et. al. 2015) quanto a nível internacional (BOARDLEY & KAVUSSANU, 2008) mostram que a realidade encontrada no ambiente escolhido para a pesquisa não se diferencia totalmente dos demais locais, principalmente em relação a faixa etária e os conflitos

que acometem os jovens, podendo ser um dos fatores que tornam as pesquisas semelhantes.

O mecanismo comparação vantajosa, ao ser analisado, trás consigo uma ideia de que aquele comportamento podia ter sido pior do que realmente foi, e mesmo que a ação cause um grande impacto a vítima, o agressor desconsidera tal acontecimento. Boardley, Grix e Harkin (2015) revelam em seu estudo, através do uso do doping em atletas, que esse mecanismo foi o que obteve maior média, justificando o uso de anabolizantes. Nas aulas de Educação Física na escola, uma possibilidade da utilização desse mecanismo, sendo o que obteve a maior média, é o indivíduo agressor pensar que ao agredir verbalmente outro indivíduo sua ação não acarretará em conseqüências a vítima como uma agressão física causaria, por exemplo.

## 7. CONCLUSÃO

Ao identificar os comportamentos antissociais, referentes ao *bullying*, e a percepção dos alunos em relação a essas ações em duas escolas de Rio Claro, SP, o estudo encontrou semelhanças com outros trabalhos nos dois tópicos investigados. Compreender então essas situações nas aulas de Educação Física ultrapassa diversas questões, e se faz necessário o entendimento desse fenômeno que está presente em níveis elevados dentro do ambiente escolar.

Sendo um estudo quantitativo, para a variável dos mecanismos de Desengajamento Moral, é fundamental compreender o que os estudantes pensam suas ações ao cometer tais atos, agressivos ou antissociais. E há também a relação com outros estudos realizados no âmbito esportivo que se aproximam do que foi encontrado nesse estudo.

Destaca-se o fato da pouca frequência de estudos em relação ao cenário de investigação, trazendo as aulas de Educação Física no Brasil, o *bullying* e um entendimento pelo olhar teórico da Teoria Social Cognitiva e um de seus constructos, o Desengajamento Moral.

O assunto abordado poderá auxiliar o professor de Educação Física, outros professores e a gestão escolar a entender essa problemática tão ocorrente dentro de um ambiente que se faz propício para o aparecimento desses comportamentos. Para isso, se faz necessário uma melhor formação – inicial e continuada – que caracterize essa situação e de possibilidades para o enfrentamento e solução, abordando valores com os alunos visando à criação de um ambiente favorável a prática de ensino.

Uma vez que o aluno entenda a dimensão desses comportamentos e o quanto podem influenciar os demais indivíduos, as situações tendem a se tornarem menos frequentes. As aulas de Educação Física tendem a ajudar nesse sentido, trazendo temáticas que estimulem o aluno a pensar o seu corpo e o corpo do outro como semelhantes, possibilitado pela grande quantidade de conteúdos que a cultura corporal, objeto de estudo da Educação Física trás consigo.

Então, as aulas de Educação Física na escola tornam-se um ambiente propício ao ensino e aprendizagem de habilidades morais, facilitado pelo esporte e outros conteúdos que fazem parte dessa área e sendo esse outro fator que venha a justificar a importância das aulas de Educação Física na escola.

## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, R., BORREGO, C., FERREIRA, D. **Moralidade no desporto:** Mecanismos de desengajamento moral, disposição para o engano, atitudes face ao desporto e clima motivacional. VIII Congresso Português de Sociologia, 40 anos de democracia(s): progressos, contradições e prospetivas. Évora, 2014.
- AZZI, R.G. Desengajamento moral na perspectiva da Teoria Social Cognitiva. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v.31, n.2, p.208-219, 2011.
- AZZI, R. G., LIMA, E., ARAÚJO, E. CORRÊA, W. G. Relações agressivas entre alunos do ensino médio analisadas a partir do modelo de agressão social. **Psicologia: ensino & formação**, v.6, p.121-138, 2015.
- BALBINOTTI, M. A. A.; SALDANHA, R. P.; EVANGELISTA, P. H. M.; JUCHEM, L.; SAMPEDRO, L. B. R.; KLERING, R. T.; BALBINOTTI, C. A. A. O clima motivacional do professor e as atitudes de jovens no contexto do esporte de inclusão social. **Revista Mineira de Educação Física**. Viçosa, Edição Especial, n. 1, p.756-765, 2012.
- BANDURA, A. **Social foundations of thought and action: A Social Cognitive Theory**. New Jersey: Prentice-Hall Inc., Englewood Cliffs, 1986.
- BANDURA, A. Moral disengagement in the perpetration of inhumanities. **Personality and Social Psychology Review**, v.3, p.193-209, 1999. (Special Issue on Evil and Violence).
- BENINCASA, M. REZENDE, M. M. FURUSAWA, L. M. Brigas entre adolescentes: fatores de risco e de proteção. **Revista de Psicologia**, vol. 11, n. 16, 2007.
- BETTI, M; ZULIANI, L.R. Educação Física escolar: Uma proposta de diretrizes pedagógicas. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.1, n.1, 2002.
- BOARDLEY, I.D., GRIX, J., HARKIN, J. Doping in team and individual sports: a qualitative investigation of moral disengagement and associated processes, **Qualitative Research in Sport, Exercise and Health**, v. 7, n. 5, 698-717, 2015.
- BOARDLEY, I.D. & KAVUSSANU, M. The moral disengagement in sport scale – short. **Journal of Sports Sciences**, v.26, n.14, p.1507-1517, 2008.
- BOARDLEY, I.D. & KAVUSSANU, M. Moral disengagement in sport. **International Review of Sport and Exercise Psychology**, v.4, n.2, p. 93-108, 2011.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física. Brasília, 1998.
- CAPRARA, G. V., FIDA, R., VECCHIONE, M., TRAMONTANO, C. BARBARANELLI, C. Assessing civic moral disengagement: dimensionality and construct validity. **Personality and Individual Differences**, v.47, p. 504-509, 2009.

CAURCEL, M. J. ALMEIDA, A. La perspectiva moral de lãs relaciones de victimizacion entre iguales: um análise exploratório de lãs atribuciones de adolescentes españoles y portugueses. **European Journal of Education and Psychology**. v. 1, n. 1, p.51-68, 2008.

CHARCZUK, S. B.; BALBINOTTI, M. A. A. Violência na Escola: percepções de professores e alunos do ensino público e particular de São Leopoldo, RS. **EDUCAÇÃO: Teoria e Prática**, v.11, n. 21, p.29-35, 2003.

COCCO, M; LOPES, M. J. M. Violência entre jovens: dinâmicas sociais e situações de vulnerabilidade. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 31, n. 1, p. 151-159, 2010.

CORRION, K. & LONG, T., SMITH, A.L. “It’s Not My Fault; It’s Not Serious”: Athlete Accounts of Moral Disengagement in Competitive Sport. **The Sport Psychologist**, v. 23, p.288-404, 2009.

COSTA, T. P., ARÊAS NETO, N. T., SAINT’CLAIR, E. M., CALOMENI, M. R. A função do educador físico no enfrentamento do fenômeno bullying no âmbito escolar. **Perspectivas online: ciências biológicas & saúde**, Campos dos Goytacazes, v. 4, n. 2, p. 28-40, 2012.

EVANGELISTA, P. H. M. As atitudes morais no esporte de competição: um estudo descritivo-exploratório com atletas dos jogos coletivos de invasão. 2011. 81 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Desenvolvimento Humano) . Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

FARRINGTON D. P. **Fatores de risco para a violência juvenil**. Violência nas escolas e políticas públicas. UNESCO. 2002

FISCHER R.M., LORENZI, G.W. PEDREIRA, L.S., BOSE, M.; FANTE, C.; BERTHOUD.C.; MORAES, E.A.; PUÇA, F.,PANCINHA, J.; COSTA, M.R.R.C, VIEIRA, P.F., OLIVEIRA, C.P.U. **Relatório de pesquisa: bullying** escolar no Brasil. Centro de Empreendedorismo Social e Administração em Terceiro Setor (Ceats) e Fundação Instituto de Administração (FIA), 2010.

FRANCISCO, M.V., LIBÓRIO, R.M.C. Um estudo sobre *bullying* entre escolares do ensino fundamental. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v.22, n.2, p. 200-207, 2009.

FREIRE, I. P., SIMÃO, A. M. V., FERREIRA, A. S. O estudo da violência entre pares no 3º ciclo do ensino básico – um questionário aferido para a população escolar portuguesa. **Revista Portuguesa de Educação**, v.19, n.2, p.157-183, 2006.

GONÇALVES, C. E., SILVA, M. J. C., CHATZISARANTIS, N., LEE, M. J., CRUZ, J. Tradução e validação do SAQ (Sports Attitudes Questionnaire) para jovens praticantes desportivos portugueses com idades entre 13 e os 16 anos. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**. v.6, n.1, p.38-49, 2006.

GUIMARÃES, M. R. V. A Educação Física no enfrentamento da violência em uma escola da rede municipal de ensino de Pelotas/RS. **Encontro – Revista de Psicologia**. v. 14. n. 21, p. 25-35. 2011.

HURLEY, V., MANDIGO, J. *Bullying in physical education: Its prevalence and impact on the intention to continue secondary school physical education*. **PHENex Journal**, v.2, n.3, p.1-19, 2010.

IAOCHITE, R.T. Desengajamento moral no esporte. In: A. BANDURA, R.G. AZZI, L.R.P.TOGNETTA (Orgs.). Desengajamento moral: Teoria e pesquisa a partir da teoria social cognitiva. Campinas: Mercado de Letras, 2015. p.219-242.

JACOBS, F., KNOPPERS, A. & WEBB, L. Making sense of teaching social and moral skills in physical education. **Physical Education and Sport Pedagogy**. v.18, n. 1, p. 1-14, 2013.

KULINNA, P. H., COTHRAN D. J., REGUALOS, R. Teachers' Reports of Student Misbehavior in Physical Education. **American Alliance for Health, Physical Education, Recreation e Dance**. v. 77, n. 1, p. 32-40, 2006.

LIPPELT, R. T. Violência nas aulas de Educação Física: estudo comparado entre duas escolas da rede pública do distrito federal. 2004. 74 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Católica de Brasília. Brasília, 2004.

LOPES NETO, A. A. Bullying – comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de Pediatria**. Rio de Janeiro, v. 81, n. 5, p. S164-S172. 2005.

MALTA, D.C., SILVA, M.A.I., MELLO, F.C.M., MONTEIRO, R.A., SARDINHA, L.M.V., CRESPO, C., CARVALHO, M.G.O., SILVA, M.M.A., PORTO, D.L. *Bullying in Brazilian schools: results from the National School - based Health Survey (PeNSE)*, 2009. **Ciência: saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p.3065-3016, 2010

MARTINS, M. J. D. O problema da violência escolar: uma classificação e diferenciação de vários conceitos relacionados. **Revista Portuguesa de Educação**. Braga, v. 18, n. 1, p. 93-115, 2005.

MARCONDES, F., GRUPPI, D. R. A construção da autonomia moral através da prática esportiva nas aulas de Educação Física escolar. **Revista polidisciplinar eletrônica da faculdade de Guairacá**. V. 5, n. 1, p. 35-48, 2013.

MATOS, M. G., GONÇALVES, S. M. P. Bullying nas escolas: comportamentos e percepções. **Psicologia, saúde & doenças**. V. 10, n. 1, p. 3-15, 2009.

MELIM, F. M. O., PEREIRA, B. O. A influência da Educação Física no bullying escolar: a solução ou parte do problema? **Revista ibero-americana de educação**. V. 67, n. 1, p. 65-84, 2015.

MELIM, F. M. O., PEREIRA, B. O. Prática desportiva, um meio de prevenção do bullying na escola? **Movimento**. Porto Alegre, v. 19, n. 2, p. 55-77, 2013.

MOURA, M. A. R. Atitudes morais, agressividade e empatia: um estudo com atletas que participam de competições. 2014. 161 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Cognitiva). Universidade Federal de Pernambuco. Recife. 2014.

OLIVEIRA, Q. C., SILVA, M. C. Bullying no contexto das aulas de Educação Física. **EFDeportes.com, Revista Digital**. Buenos Aires, v. 17, n. 170, 2012.

OLIVEIRA, F. F., VOTRE, S. J. Bullying nas aulas de Educação Física. **Movimento**. Porto Alegre, v. 12, n. 2, p. 173-197, 2006.

SILVERMAN, S. Can moral development be promoted in physical education? **Journal of Physical Education, Recreation & Dance**. V. 69, n. 5, 1998.

TOGNETTA, L. R. P., AVILÉS, J. M., ROSÁRIO, P., ALONSO, N. Desengajamentos morais, autoeficácia e bullying: a trama da convivência. **Revista de estudos e investigación em psicologia y educación**, v.2, n.1, p.30-34, 2015.

TOGNETTA, L. R. P., ROSARIO, P. Bullying: dimensões psicológicas no desenvolvimento moral. **Estudos em avaliação Educacional**. São Paulo, v. 24, n. 56, p. 106-137, 2013.

TRACLET, A., ROMAND, P., MORET, O., & KAVUSSANU, M. Antisocial behavior in soccer: A qualitative study of moral disengagement. **International Journal of Sport and Exercise Psychology**, v. 9, n. 2, p.143–155, 2014.

WEIMER, W. R., MOREIRA, E. C. Violência e Bullying: manifestações e consequências nas aulas de Educação Física escolar. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, Florianópolis, v.36, n. 1, p 257-274, 2014.

## APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (Conselho Nacional de Saúde, resolução 466/12)

Meu nome é Roberto Tadeu Iaochite, RG 18.898.097, sou professor e pesquisador do departamento de Educação da Unesp, campus Rio Claro. Sou orientador do bolsista de Iniciação Científica, Thomás Augusto Parente, RG 43.346.960-2, aluno do curso de Educação Física da Unesp, campus Rio Claro. Nós estamos desenvolvendo um estudo intitulado “Desengajamento Moral e bullying em aulas de Educação Física na escola” cujo objetivo é identificar e compreender as situações de comportamentos antidesportivos nas aulas de Educação Física e como são explicados. Convidamos o(a) seu(sua) filho(a) para participar do estudo respondendo a um questionário, com dados pessoais – idade, ano que está matriculado na escola, etc., bem como com questões sobre comportamentos antidesportivos nas aulas e as justificativas para esses comportamentos.

Os dados extraídos do projeto são confidenciais e estarão sob minha responsabilidade sendo utilizados apenas para fins acadêmicos de pesquisa. Os riscos relativos à participação no estudo são mínimos, como por exemplo, sentir-se tímido(a) para responder as perguntas, não se sentir à vontade para responder por falta de compreensão das perguntas. Nesse sentido podemos responder às dúvidas do(a) seu(sua) filho(a) e procuraremos tranquilizá-lo(a) quanto à participação, bem como considerando a escolha do local e horário para a aplicação dos instrumentos de coleta de dados. Inclusive, podendo agendar um novo momento para coleta de dados. Os dados serão coletados a partir de agendamento anterior e em data marcada de comum acordo entre pesquisadores e professor de Educação Física.

Os dados serão armazenados em banco de dados de uso exclusivo do pesquisador responsável e após 3 anos serão eliminados com segurança. Além disso, em caso de não solução a partir das iniciativas acima, o(a) participante será lembrado de que poderá retirar a qualquer momento o consentimento, sem qualquer ônus para o(a) participante. Vale ressaltar que a participação no estudo contribuirá para que possamos aprender mais sobre o assunto e como benefícios diretos, levarmos esse conhecimento para a escola em que ele(a) está estudando. Qualquer dúvida poderá ser esclarecida por e-mail ou contato telefônico. Esse termo será assinado em duas vias, sendo que uma delas ficará com você e a outra via será devolvida ao pesquisador.

Se o Sr(a) se sentiu suficientemente esclarecido(a) sobre essa pesquisa, seus objetivos, eventuais riscos e benefícios, convido-o(a) a assinar esse Termo, elaborado em duas vias, sendo que uma ficará com o Sr(a). e outra com o pesquisador.

Rio Claro, \_\_ de \_\_\_\_ de 20\_\_  
 Nome: \_\_\_\_\_ sexo: (M) (F)  
 (pai ou responsável)  
 Data de nascimento: \_\_/\_\_/\_\_ RG: \_\_\_\_\_  
 Endereço: \_\_\_\_\_  
 E-mail (se houver): \_\_\_\_\_  
 Telefone: (\_\_) \_\_\_\_\_  
 Assinatura: \_\_\_\_\_ Data: \_\_/\_\_/\_\_

Nome: \_\_\_\_\_ sexo: (M) (F)  
(participante)  
Data de nascimento: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ RG: \_\_\_\_\_  
Assinatura: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Título do Projeto: Desengajamento Moral e *bullying* em aulas de Educação Física na escola.

Pesquisador responsável: Prof. Dr. Roberto Tadeu Iaochite

RG: 18.898.097

Cargo/função: Professor Assistente Doutor

Instituição: Universidade Estadual Paulista

Endereço: Av. 24 A, 1515. Bela Vista. Rio Claro, SP.

Dados para contato: fone (19)3526-4272 e-mail: iaochite@rc.unesp.br

Bolsista PIBIC: Thomás Augusto Parente – RG: 43.346.960-2

Instituição: Universidade Estadual Paulista - Endereço: Av. 24 A, 1515. Bela Vista. Rio Claro, SP.

Dados para contato; fone (19) 993133109 e-mail: tho-94@hotmail.com

Comitê de Ética em Pesquisa – IB/UNESP-CRC

Av. 24 A, nº 1515 – Bela Vista – 13506-900 – Rio Claro/SP. Telefone: (19) 35269678

---

Orientador: Prof. Dr. Roberto Tadeu laochite

---

Aluno: Thomás Augusto Parente